

# PERCEPÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

**PEREIRA, Karina<sup>1</sup>; KLEIN, Madalena<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Programa de Pós-Graduação em Educação- UFPEL –karina.pereira53@gmail.com*

<sup>2</sup>*Programa de Pós-Graduação em Educação- UFPEL – kleinmada@hotmail.com*

## 1. INTRODUÇÃO

Esta investigação tem a intenção de apresentar minha pesquisa de Mestrado em Educação que objetivou analisar como vem ocorrendo a difusão da Língua brasileira de sinais nos ambientes escolares, e se alunos do ensino fundamental apresentam variações linguísticas em seus discursos. Esta investigação objetivou mostrar ainda, as possíveis in/exclusões sociais e educacionais de surdos pelo uso de variantes linguísticas e, para tal, dividi a investigação em dois eixos onde no primeiro eixo foram feitas entrevistas com alunos de uma escola de surdos de Pelotas e com alunos de uma escola com classes específicas de Rio Grande; no segundo eixo, uma tradutora/intérprete da Libras- TILS de cada escola foi entrevistada. Ao final, esses dois eixos foram cruzados possibilitando uma análise mais apurada da situação lingüística nos ambientes aqui pesquisados. A comunidade surda se apresenta como grupo em que identidades e culturas se produzem a partir da experiência visual e do compartilhamento de uma língua viso-gestual. A língua de sinais para os surdos é uma marca de suas identidades e o papel das escolas de surdos é incentivar essa marca, ou seja, valorizar o ensino e difusão desta língua como elemento característico de uma cultura e propiciador de comunicação entre seus pares e com o mundo ouvinte

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O método de pesquisa visou identificar e registrar as variantes linguísticas utilizadas pelas comunidades gaúchas de alunos surdos, com identidades surdas, com foco nas comunidades surdas da região sul do estado. O aspecto de delineamento desta pesquisa caracterizou-se por sua natureza descritiva com uma análise qualitativa, que foi destinada a responder os objetivos propostos pela pesquisadora. A coleta de dados foi realizada pela própria pesquisadora em uma escola de surdos de Pelotas e uma escola com classes especiais em Rio Grande. Os sujeitos analisados nessa pesquisa constituem-se como membros da comunidade surda, sendo eles, primeiramente, alunos surdos das escolas selecionadas e, no seguimento da investigação, tradutoras-intérpretes da Libras, que atuam nesses espaços educativos. Os alunos participaram de uma proposta de coleta de dados adaptada à língua de sinais e a suas faixas etárias através de filmagem de narrativas solicitadas aos alunos a partir de uma contação de história sugerida pela pesquisadora. E as tradutoras-intérpretes participaram de uma entrevista semi-estruturada, bem como ajudaram na análise da contação de histórias realizadas pelos alunos surdos. Abaixo uma Tabela ilustrativa das etapas da pesquisa.

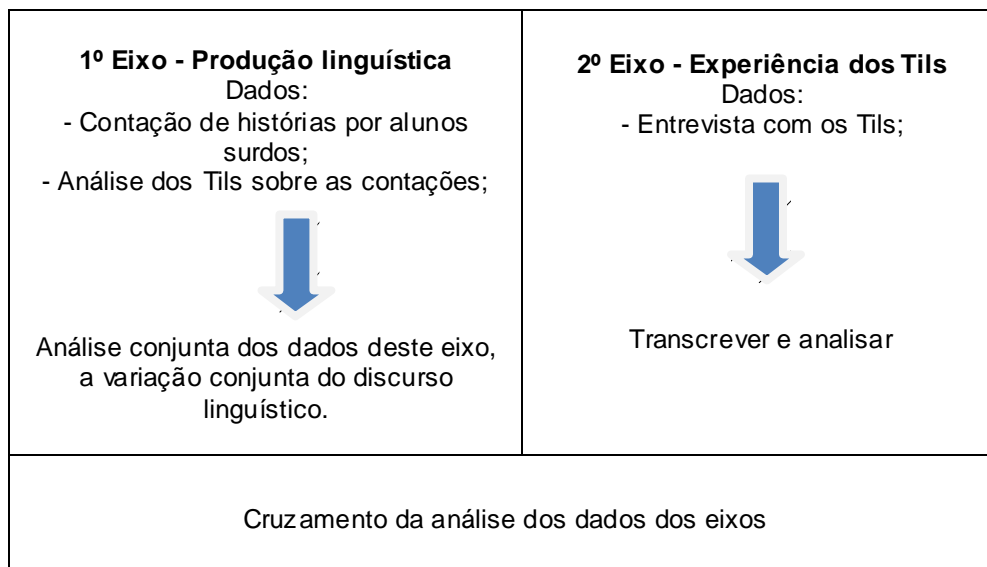


Tabela ilustrativa das etapas da pesquisa

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados provenientes das entrevistas com as tradutoras da Libras foram por mim analisados e cruzados com os dados do primeiro eixo (produção linguística dos alunos surdos provenientes da contação da História). Do cruzamento, podemos concluir que os alunos surdos utilizam-se de variantes linguísticas em seus discursos e que as tradutoras da Libras percebem essas variações como um processo natural que ocorre na Libras. Além disso, também foi perceptível que a escolha na utilização de uma determinada variante não acarreta nenhuma confusão para esses alunos, e que a criação de uma nova variante se bem aceita pelo grupo, constitui-se como processo natural, se dentro dos padrões aceitáveis por esse grupo. Há, porém, uma certa resistência por parte dos professores em aprender tantos sinais novos, segundo relatos das tradutoras, pois alguns professores já consideram difícil aprender a Libras e com tantas variações parece mais difícil ainda, demonstrando uma fragilidade linguística e cultural no ambiente escolar, pois as relações de poder na escolha de qual língua utilizar ainda giram em torno do português.

### 4. CONCLUSÕES

Acredito que essa investigação, por estar inserida no campo da educação de surdos e da linguística, poderá não amenizar a questão do preconceito linguístico dentro dos espaços escolares, mas propiciar seu entendimento como um processo que merece atenção. Quando os professores perceberem que as variações não são ameaças para quem está aprendendo Libras e que esse processo é concomitante ao processo de variação que ocorre na língua portuguesa, o preconceito linguístico começará a perder forças. E, no caso desse estudo em particular, em que os sujeitos da pesquisa do primeiro eixo foram alunos entre os onze até os dezesseis anos, ajudará os docentes envolvidos com a educação de surdos entender que a criação de novos sinais é um processo

natural dentro das línguas e que as crianças também se utilizam desse processo, pois elas criam novos sinais em decorrência de uma necessidade.

No entanto, se o sinal não for aceito por esse grupo, ele não se torna uma variante. Sempre é preciso que o grupo escolha uma variante e os usuários pertencentes a esse grupo, aqui no caso, os surdos, passem a utilizá-la de forma espontânea em seus discursos. No caso das variantes analisadas nessa pesquisa, elas se constituem como variantes que não dizem respeito a formas prestigiadas e desprestigiadas, embora o sinal de LIVRO (com configuração de mão em L) e PESSOA (com configuração de mão em P) sejam, muitas vezes, criticados por pessoas que acreditam que esses sinais sofreram a influência do português, sendo caracterizados como sinais de inicialização.

Para o sinônimo do sinal PESSOA, utilizado pelos alunos tivemos várias mudanças no vocabulário como mulher, homem, pais, porém, aparentemente, nenhuma mudança nos sinais correspondentes a essas palavras. O único sinônimo de PESSOA que apresentou variabilidade foi o sinal de CRIANÇA, o qual apresentou mudança no léxico, sendo ora sinalizado com C.M. em B, ora sinalizado com os dedos deslizando na boca e com o sinal composto.

Todos esses sinais em que pude perceber mudanças, a partir do meu olhar de tradutora, são sinais que a comunidade surda reconhece como variantes em que não há diferença no uso de uma ou de outra. O que considero extremamente relevante é que esse estudo comprova mais uma característica da língua brasileira de sinais, que por ser uma língua também apresenta variações linguísticas, como ocorre nas línguas orais. O que está implícito também é que mesmo com toda legislação sobre o reconhecimento dessa língua e com todos os estudos que abordam a temática da cultura surda, da experiência visual e da militância surda, ainda sim, dentro do espaço escolar, há certa resistência com o reconhecimento da Libras. Parece-me ainda que essas temáticas estão em um certo ponto de reconhecimento e de validação, fato que já ocorre no campo legal.

No caso dos espaços educacionais pesquisados há uma grande diferença desse reconhecimento dentro da escola de surdos e dentro da escola com classes específicas. Na escola de surdos, esse reconhecimento da Libras, da cultura e da experiência visual é efetiva, na medida em que o currículo tenta contemplar essas especificidades. Na escola com classes específicas as relações e a lógica parece ser outra, em que os alunos surdos foram “acolhidos” e de que os professores já estão fazendo muito por isso. Somados a isso, não posso deixar de mencionar que a escola de surdos, por situar-se em Pelotas, município de tradição na luta pela comunidade surda, claramente apresenta diferença se comparada com a escola com classes específicas situada em Rio Grande, município que vem desenvolvendo-se nessa área.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **LEI FEDERAL** 10.436 de 24 de Abril de 2002. Acessado em 10/02/2010. Disponível em [www.leidelibras.gov.br](http://www.leidelibras.gov.br).

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue- Língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, 2008.

GADET, Françoise. Variation et Hétérogénéité. In: (org). **Variation et Hétérogénéité: Labov, un bilan**. Languages, 108, p.5-15.1992

KARNOPP, Lodenir B. **Fonética e fonologia**. Apostila do curso de Letras-Libras-licenciatura e bacharelado. Florianópolis: UFSC, [s/d]

KARNOPP, Lodenir. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**: estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. Porto Alegre, PUC/RS: Dissertação de Mestrado, 1994.

KARNOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

KLEIN, Madalena et ali . A Educação dos surdos no Rio Grande do Sul: Região Sul. In: LOPES et ali, **A Educação de surdos no Rio Grande do Sul: Relatório de pesquisa para CNPq**. São Leopoldo: UNISINOS, 2009.

LUCAS, Ceil; BAYLEY, Robert; VALLI, Clayton. **Sociolinguistic Variation in American Sign Language**. Washington: Gallaudet University Press, 2002.

v. 1. 192 p.